

Então, eu conversando com a assistência social, que ela não tinha família, né? E... eu morava lá em cima e às vezes o pessoal acordava com ela na rua, então eu falei com a assistência social pra ver como que conseguia um asilo pra ela. E aí eu consegui esse asilo na divisa de Minas, certo? E levei ela pra lá. Ela... conseguimos colocar ela lá, ela ficou quatro anos lá, mas já era muito... já de idade né? Ela morreu. Destas duas, eu tenho uma ainda dentro da minha casa. Ela tá 85 anos, né? Ela tem parente, mas os parente não liga, certo? Então tirei ela daqui do Pichão, ela ficou no meu barracão, depois eu fiz um barraco pra ela, aí tinha outra senhora que me ajudava a olhar ela, aí depois ela falou “olha, dona Ginalva, eu acho melhor levar ela pra minha casa porque lá é mais fácil pra mim”. Então, levamos ela pra casa dessa senhora, mas aí foi quando essa moça veio a falecer e não tinha onde ela ficar, eu levei ela pra minha casa, então ela tá na minha casa, até hoje eu cuido dela, tá com 85 anos.

*Até hoje você cuida dela?*

Cuido dela.

Éder:  
Parabéns!

Ela tá na minha casa, com 85 anos, né? Aí, quando eu saio aqui, eu tenho minhas netas, né, então eu falo “ói, dá o café pra dona Dominga, olha ela”. Eu saio de noite também, a mesma coisa, então fica eu e minha filha e minhas neta olhando ela, mas ela tá lá na minha casa, com 85 anos.

Éder:  
Só comentando uma coisa que a senhora disse em relação aos eucaliptos, você disse que, quem tá lá, quem mora no condomínio não consegue, aliás, que vocês aqui, vocês não conseguem ver o condomínio.

Ginalva:  
Ver o outro lado.

Éder:  
Então, com certeza, eles também...

Ginalva:  
Não vê quem tá do lado de cá, justamente porque a fama da favela é grande, né? Então a gente daqui não vê eles lá e eles de lá não vê a gente, certo?. Então...é isso aí.

...fotos...